

Desemprego afetou os mais ricos, revela estudo

Cristina Calmon
Do Rio

A crise do desemprego, que no período de 1996 a 1999 atingiu com maior impacto as regiões metropolitanas, afetou mais os mais ricos do que os mais pobres, revela trabalho a ser apresentado por Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no seminário "Soluções para a questão do emprego", pro-

movido pelo Instituto Nacional de Altos Estudos (Inae), que será realizado hoje, no BNDES.

Segundo Neri, no período analisado houve uma queda anual de 4,57% na renda domiciliar per capita do trabalho, nas áreas metropolitanas.

Ao analisar a evolução da situação do emprego no Brasil, considerando as oportunidades de trabalho remunerado — inclusive mercado informal, trabalho precário e em tempo parcial e trabalhadores por conta própria

— Neri conclui que o país passa por uma crise de trabalho nas grandes metrópoles. "A crise é particularmente de desemprego e não de pobreza no geral do país", destaca, concluindo que "a renda dos mais pobres teve comportamento mais favorável do que a dos mais ricos."

O que serviu como colchão amortecedor nesses quatro anos foi a renda de fontes de "não trabalho" (como previdência, seguro desemprego e aluguéis), que subiu 4,41% ao ano em termos de

Brasil, 6,23% em áreas não metropolitanas e 2,09% nas regiões metropolitanas.

Para amenizar a crise do desemprego, Ricardo Paes e Barros, diretor da área social do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), recomenda ênfase nas políticas públicas estruturais, "mais eficazes do que as políticas compensatórias". Paes e Barros também participará do evento, avaliando as novas linhas de ação governamental para a questão do emprego.